

CENÁRIOS DE FUTURO PARA A FACECA

*José Eduardo Rodrigues de Sousa¹
Nancy Gorgulho Chaves Braga²*

1. INTRODUÇÃO

O Estado de São Paulo, através do processo de urbanização, vem apresentando nas últimas décadas uma progressiva interiorização no desenvolvimento de sua economia.

Houve nos últimos anos, mudanças na distribuição geográfica da produção e do emprego onde os elementos propulsores foram a modernização industrial e agrícola, que aceleraram o processo de interiorização da economia, observando-se transformações significativas na feição urbana das principais cidades do interior.

A região metropolitana de Campinas, com seu dinamismo industrial, tornou-se a principal atração de fluxos migratórios e Campinas tornou-se a principal cidade do Estado de São Paulo depois da capital, indispensável para uma população distribuída num raio de até 100 quilômetros.

Como conseqüência dessa transformação, passou-se a observar modificações urbanísticas que reproduziram, no interior do Estado, elementos até então típicos da metrópole, uma vez que a interiorização do desenvolvimento traz consigo a interiorização dos problemas urbanos que ameaçam a continuidade das mudanças, a modernização da economia e a estabilidade social.

Mas, por outro lado, a região metropolitana de Campinas, traz perspectivas otimistas em relação ao país, por ser um polo de desenvolvimento tecnológico e industrial, com disponibilidade de centros de pes-

1 Professor titular da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas, (FACECA/PUCCAMP). Mestre e Doutor em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

2 Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas (FACECA/PUCCAMP) e Mestranda em Economia pela PUC-SP.

quisa, de formação de pessoal e mão-de-obra qualificada, o que a torna uma das regiões mais importantes da nação.

Da realidade atual do Estado de São Paulo e, basicamente, da região Metropolitana de Campinas, ressalta um conjunto de estrangulamentos e restrições internas importantes para um processo continuado de desenvolvimento, muito embora possam ser considerados também significativas, as potencialidades e oportunidades que se apresentam em resposta aos desafios e alternativas de desenvolvimento estadual e regional.

Diante desse quadro, as empresas públicas e privadas devem reavaliar suas estruturas e seu planejamento e adequar-se aos novos tempos. Para tanto, faz-se necessário rever o passado recente, quais os fatores que foram importantes no passado e que são atualmente e os que serão no futuro, analisar o presente, para saber para onde caminha a Sociedade.

As perspectivas futuras exigem alterações tanto nas relações internas quanto com os indivíduos integrantes do processo, através de planejamento de médio e longo prazo que conduza as adaptações e transformações necessárias à organização.

O principal objetivo deste trabalho é o de fornecer subsídios para o planejamento dos cursos da FACECA, uma vez que a Universidade constitui-se num dos pólos catalisadores no surgimento de empreendedores, ajudando no equacionamento técnico através dos estudos de futuro e de perspectivas tanto sociais, como políticas e econômicas a nível.

2. METODOLOGIA

Sendo o conhecimento científico objetivo, ele não é afetado por crenças, preferências, desejos ou caprichos do pesquisador, mas suas propostas só serão verdadeiras, se puderem ser verificadas pela experiência ou observação.

O método observacional, segundo Gil: (1991:28) "por um lado pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais im-

preciso; mas, por outro, pode ser tido como um dos mais modernos e mais precisos". A observação, a medida que é cuidadosamente planejada e realizada sob rígidos controles, ainda segundo Gil, conduz a resultados quase tão precisos quanto aqueles obtidos mediante experimentação.

Este trabalho é enquadrado no tipo de pesquisa intitulada "estudos exploratórios" definido por Gil (1987: 44) como aqueles estudos que objetivam "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores". A esse respeito Tripodi (1975: 40) destaca que os condutores da pesquisa podem, além de fazer uso de dados quantitativos, "usar dados qualitativos em forma narrativa que podem ser derivados de suas observações de um determinado fenômeno".

Gil (p. 45) ensina ainda que as pesquisas exploratórias possuem o objetivo de permitir uma visão geral, com uma aproximação do fato estudado, destacando ainda que "esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis".

O uso de pesquisa exploratória apresenta também como vantagem, permitir um melhor planejamento da própria pesquisa e de sua análise, pois a partir do exame do material coletado, obtêm-se um conjunto de retro-informações do trabalho realizado.

A realidade futura da FACECA, sem duvida, em boa dose vai depender do que vai acontecer com a grande metrópole que é Campinas, como também do desenvolvimento de sua região metropolitana, tanto no campo social, como no político e econômico. Nesse sentido, torna-se importante conhecer a política e os planos de longo prazo expressas no Plano Diretor da cidade para os próximos anos.

2.1. COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Na composição da amostra pesquisada procedeu-se a uma amostragem não aleatória, de caráter "intencional ou proposital" de uso comum, por que mais adequada em pesquisas sociais.

Para a seleção da amostra, estabeleu-se como critérios que as empresas:

- deveriam ser afiliadas ao CIESP - Centro das Indústrias do Estado de São Paulo;
- serem de pequeno ou de médio porte.

Optou-se por remeter correspondência às pessoas cadastradas pelas empresas como dirigentes/contato junto ao CIESP.

2.2. PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi dividida em dois segmentos, na primeira, que permitiu uma quantificação das respostas obtidas, trabalha-se com gráficos de barras e tortas, este último somente em questões dicotômicas, bem como o estudo dos dados fazendo-se uso da estatística descritiva.

A segunda, constituída de questões mais qualitativas, utilizou-se, em cada uma delas, de pelo menos a citação, na íntegra, de três das respostas obtidas, numa forma de melhor exemplificar e permitir a análise e compreensão por parte do leitor.

3. CENÁRIOS ECONÔMICOS PARA A DÉCADA DE 90

Os cenários macroeconômicos produzidos no âmbito do IE/UNICAMP em 1989, apontam no âmbito internacional, a permanência em aberto da questão dos endividamentos externos, da instabilidade das moedas e da transição da segunda para a terceira Revolução Industrial.

As transformações políticas, econômicas e sociais do Leste Europeu, ampliam os horizontes pessimistas para o crescimento econômico nos anos 90, crescimento este previsto apenas como moderado na economia internacional. Essa adversidade do cenário internacional, afeta a economia brasileira pelas suas dívidas interna e externa, ausência de financiamentos externos e internos de longo prazo e

obsolescência técnica em vários setores produtivos, além da dívida social acumulada na última década tais como:

- crise habitacional e de saneamento básico;
- a deterioração da infra-estrutura de transportes, energia e telecomunicações;
- a piora no sistema nacional de saúde pública;
- o grave rebaixamento do serviço de educação;
- a sensível piora do padrão de distribuição da renda, observado nos últimos 30 anos.

Somados a esses constrangimentos, há também as incertezas políticas, o processo inflacionário e a mais profunda recessão econômica que o país já enfrentou, que levam a prever um cenário, tanto pela média histórica brasileira, quanto pelas restrições existentes, de baixo crescimento econômico até o limiar do século XXI.

O cenário Neoliberal adotado nos primeiros anos desta década pelo governo Collor, foi pautado pelas diretrizes da “Abertura de Mercado” e “Modernização em Geral”, com parâmetros comparativos de eventos internacionais, também neoliberais.

Este modelo, leva a impossibilidade de sustentação política, pois é conversível, no limite, numa alternativa de “fascismo do mercado”. Pelas conseqüências políticas e econômicas negativas que resultariam dessa trajetória, busca-se uma segunda alternativa: um cenário “Organizado Defensivo”, que sendo oposto ao primeiro, contempla maior soberania na formulação de política econômica, uma atuação mais decisiva sobre a questão social e um crescimento superior ao primeiro, ainda que também baixo frente aos padrões históricos do país.

Para o restante da década, se prevalecer o cenário Neoliberal, haverá o aprofundamento da concentração produtiva do Estado, modestos ritmos de crescimento do PIB, maior modernização de alguns setores, maior especialização e sofisticação dos serviços, mas com a pequena taxa de crescimento da indústria e o aumento do peso dos segmentos

tecnológicos mais avançados, recairia sobre o setor terciário a responsabilidade de gerar novos postos de trabalho.

Nesse contexto, haveria uma moderada introjeção de modernidade, convivendo com instabilidade e precariedade ocupacional, agravando ainda a situação social e do emprego, com restrições para o exercício de políticas sociais efetivas, e a reforma fiscal.

O cenário Organizado Defensivo, em contraste com o anterior, leva em conta a necessidade de manter o nível de emprego, a modernização seletiva em conjunto com uma política de desenvolvimento regional, atenuaria os efeitos da reconcentração espacial de atividades econômicas, com políticas sociais referidas, levando ao desempenho favorável de setores com elevada elasticidade de emprego, como por exemplo a construção civil, que possibilitaria um quadro mais favorável à absorção de mão-de-obra.

No cenário Organizado Defensivo a "interiorização" se apresentaria de forma mais próxima ao fenômeno ocorrido nas décadas passadas, embora com ritmos menos intensos.

Se consolidar o cenário Neoliberal, prevê-se intensificação dos fluxos migratórios para a grande São Paulo, em razão de sua mais ampla base urbana e de serviços, isto, aliado ao menor crescimento das atividades produtivas e de seus desdobramentos no terciário, ampliaria a precariedade nas estruturas de serviços e ocupações.

Como a região de Campinas possui uma indústria diversificada, o cenário Neoliberal representaria uma séria ameaça, com possibilidades de desestruturação de setores produtivos não tão competitivos, sobretudo da indústria de ponta, em particular de bens de capital sob encomenda, informática e microeletrônica. Nesse caso, o setor terciário acoplado à indústria, inclusive os ligados aos setores de pesquisa e serviços especializados, seriam também afetados, o que se agrava pelas restrições que se colocam a ação pública nessa área, numa trajetória Neoliberal.

Em razão de sua base produtiva diversificada e da concentração do crescimento industrial em São Paulo, Campinas poderia sustentar rit-

mos mais elevados que a média estadual, um fato que seria mais evidente no cenário Organizado Defensivo, em que a região certamente continuaria diversificando e ampliando sua indústria.

4. ANÁLISE DOS CENÁRIOS

Campinas, certamente se consolidará, segundo o cenário econômico apresentado pelo Plano Diretor, como a sede da segunda Região Metropolitana do Estado e seu setor terciário continuará crescendo e diferenciando-se, induzido tanto pelo porte da rede urbana local quanto pela tendência à concentração de inúmeras atividades de serviços de âmbito regional no município.

Em qualquer dos dois cenários, ou seja, no Neoliberal ou no Organizado Defensivo, prevê-se uma trajetória para a economia regional, mais favorável que a média de São Paulo, pela diversificada base industrial e agropecuária da região, pelo avanço do sistema viário e as dimensões da rede de cidades próximas. Contudo, no cenário Neoliberal, é possível prognosticar um agravamento da questão do emprego urbano, de forma similar à grande São Paulo, pelos fluxos migratórios igualmente elevados.

Esses fluxos migratórios, levam à chamada "transição demográfica" que marca a dinâmica demográfica do país nos últimos 20 anos, caracterizada por forte redução dos padrões de fecundidade, o que deriva uma queda do ritmo de crescimento demográfico que é simultâneo ao aumento do grau de urbanização.

O papel das áreas de maior atração viu-se amplificado, sobretudo no caso de São Paulo, devido à queda da fecundidade, a alteração dos fluxos de distribuição espacial dessa população, com o virtual esgotamento dos grandes movimentos em direção as áreas de fronteira, fazendo com que as regiões metropolitanas adquirissem expressão ainda maior como destino desses fluxos populacionais, acompanhados paulatinamente pelo crescimento de centros de pequeno e médio porte.

Em qualquer cenário, as taxas de crescimento do Brasil e de São Paulo, continuarão declinando, em razão da própria transição

demográfica, embora a taxa de crescimento do grupo etário em idade de trabalhar ainda será elevada, em virtude dos padrões anteriores de fecundidade.

Em termos de São Paulo, a reconcentração produtiva da atividade urbana e as políticas agrícolas do cenário Neoliberal tem a derivar um maior crescimento de sua população, comparativamente ao cenário Organizado Defensivo.

Já em termos de Campinas e região, os estudos recomendados pela SABESP ao SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) em 1989, apontam uma redução do ritmo de crescimento populacional, embora com taxas relativamente elevadas para o crescimento da região de governo de Campinas, com maior periferização da cidade polo.

A Região Metropolitana de Campinas emerge de direito, das novas disposições constitucionais, federais e estaduais e, de fato, de sua condição de polo econômico decorrente de um processo de urbanização, de ampliação do setor terciário, consolidação da infra-estrutura financeira e intenso crescimento demográfico.

A região, é então um espaço polarizado de organicidade específica, com pressões expansionistas e de problemática urbana interativa. Esse quadro faz surgirem "necessidades metropolitanas" que exigem soluções que só podem ser equacionadas em um cenário mais amplo e a nível global.

Soluções são necessárias ao desenvolvimento geral, uma vez que o desenvolvimento industrial não tem significado em si mesmo, pois ele só adquire sentido à medida que é capaz de promover uma melhor qualidade de vida. Não se pode assumir uma posição puramente economicista, que vise buscar proveitos econômicos imediatos sem consideração pelos custos sociais e ecológicos, ou seja, deve-se assumir uma postura eco-desenvolvimentista, adotar uma política de bom senso.

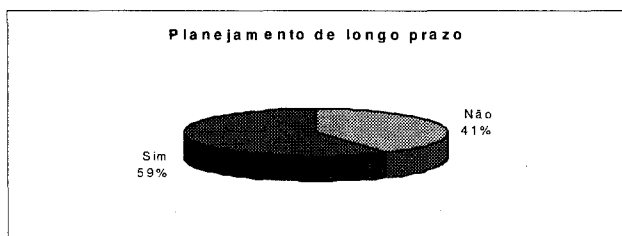
Os planos e projetos, não podem ignorar os custos sociais e os interesses e prioridades das comunidades abrangidas, mas sim, considerar devidamente os interesses estratégicos e a prevalência do caráter

coletivo mais amplo. Para isso, torna-se necessário conhecer as tendências e cenários para a Região Metropolitana de Campinas nos próximos anos.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1. EXISTÊNCIA DE PLANEJAMENTO DE LONGO PRAZO

Das empresas que responderam aos questionários remetidos pode-se constatar que 59% delas fazem planejamento estratégico para dez ou mais anos, isto é, constroem planos ditos de longo prazo.

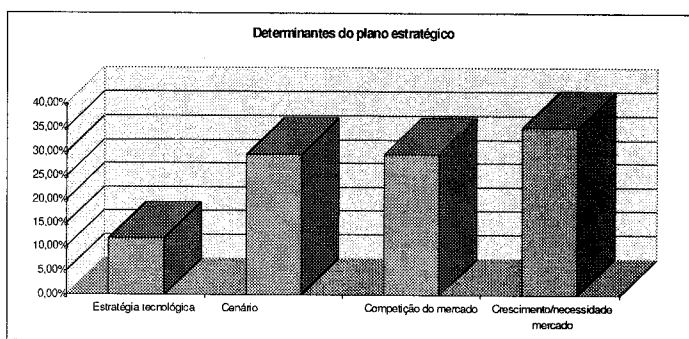


Quadro 3.1

Para os respondentes, os principais determinantes que influem na elaboração desses planos (quadro 3.2) variavam desde a cobrança de suas matrizes, nos casos de filiais de multinacionais, à análise do crescimento/necessidades do mercado (35,3%), passando pela análise do cenário político/econômico nacional e internacional (29,4%) e de competição do mercado (29,4%). Nesse aspecto o ser humano não tem sido esquecido, pois encontrou-se resposta que afirmava ser o fator determinante a tecnologia, mas com ênfase no homem.

Assim pode-se observar, muito embora não se possa generalizar, dado número de respostas obtidas, que o cuidado com o planejamento do futuro não é coisa apenas de empresas de países de primeiro mundo, mas que nossas empresas planejam os rumos

de seu desenvolvimento, tomando por base os aspectos básicos da competitividade e da tecnologia, os rumos da política e da economia, os desejos e tendências de seus consumidores atuais e potenciais e mesmo apenas atendendo aos anseios e ordens de suas matrizes.



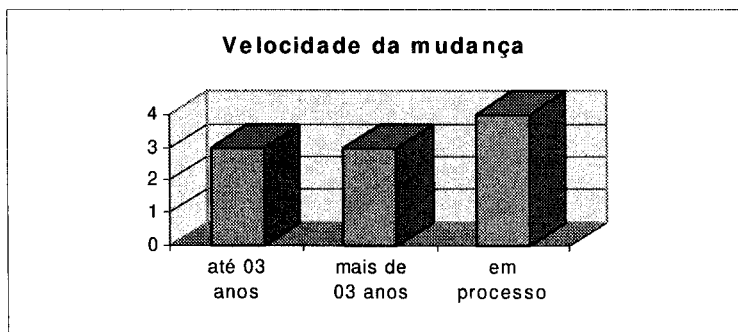
5.2. RUMOS DA ATIVIDADE DA ORGANIZAÇÃO

Oteve-se uma grande riqueza de respostas que, ao se observar seu conjunto, desenham um retrato dos rumos que as empresas vislumbram como seu futuro para os próximos quinze anos. Dentre essas respostas encontrou-se até quem afirmasse que o negócio caminha para a estagnação, embora as colocações acerca do acirramento da competição predominassem.

As respostas obtidas, que evidenciam preocupação com aspectos de qualidade, eficiência dos produtos, preços menores, terceirização e relações governamentais encontram-se a seguir listadas:

- maior preocupação ambiental;
- produtos mais eficientes;
- redução do ciclo de vida dos produtos;
- competição globalizada;
- aceleração do processo de terceirização e parcerias;
- preços ainda menores a nível do mercado interno;
- maior flexibilização governamental.

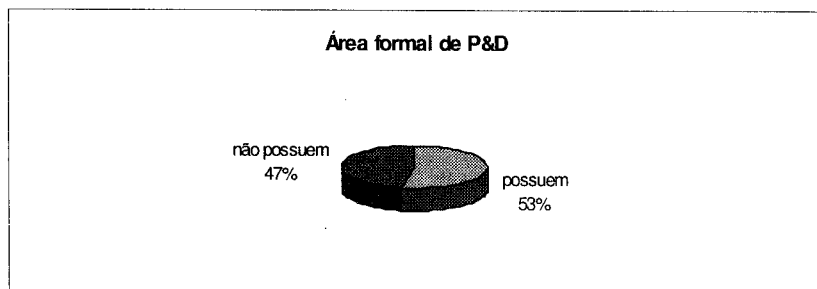
Dos respondentes, 40% afirmaram que essa mudança já se encontra em processo (quadro 3.3), enquanto que os demais 60% se dividiram igualmente citando que ela se dará dentro dos próximos três anos, ou que levará mais de três anos.



Quadro 3.3

5.3. EXISTÊNCIA DE UMA ÁREA FORMAL DE P&D

Constatou-se uma preocupação maior com a existência de uma área formal para a pesquisa e desenvolvimento, uma vez que das respostas com afirmação de que não se conta com essa área, obteve-se a informação de que a empresa estava a estruturá-la. Uma filial de multinacional mencionou que apenas em sua matriz eram realizadas pesquisas.



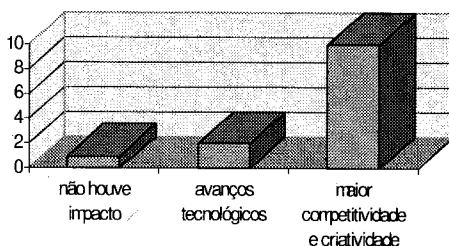
Quadro 3.4

5.4. POSICIONAMENTO DA EMPRESA FRENTE À ABERTURA DO MERCADO

A abertura do mercado nacional trouxe como consequência uma empresa mais criativa e competitiva, primando pela melhoria contínua da qualidade e pela redução dos custos e dos prazos de entrega, bem como uma indústria mais cuidadosa com os avanços tecnológicos de sua área de atuação.

Das respostas analisadas, 8% era de opinião de que a abertura do mercado não teria ocasionado nenhum impacto para a empresa, outros 15% afirmaram ter como benefício acesso a maiores avanços tecnológicos, enquanto que 77% afirmaram que essa abertura teria permitido uma maior competitividade e criatividade à organização.

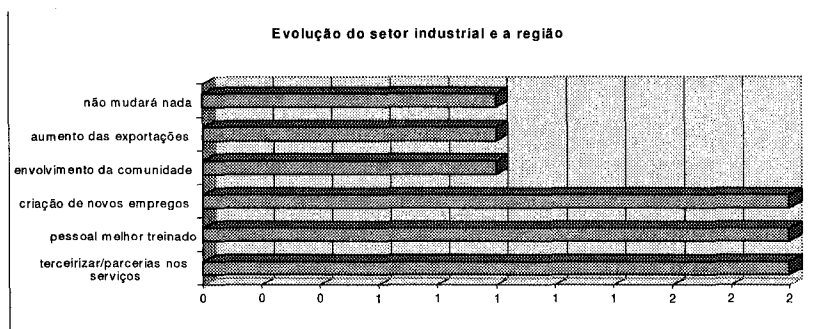
Posicionamento frente a abertura de mercado



5.5. A DINÂMICA DA EVOLUÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL E AS MUDANÇAS NA REGIÃO

No conjunto das respostas obtidas, observou-se um quadro de procura de um maior envolvimento da comunidade nesse processo evolutivo, tanto com o aumento da terceirização/parceria dos serviços, como com uma mão-de-obra melhor treinada, com a criação de novos empregos, além do incremento nas exportações.

Essas respostas apontam, como salientado acima, para uma empresa consciente de sua responsabilidade social, pois resultam numa comunidade com maior especialização, essencial ao processo de aumento e manutenção da qualidade.



Quadro 3.6

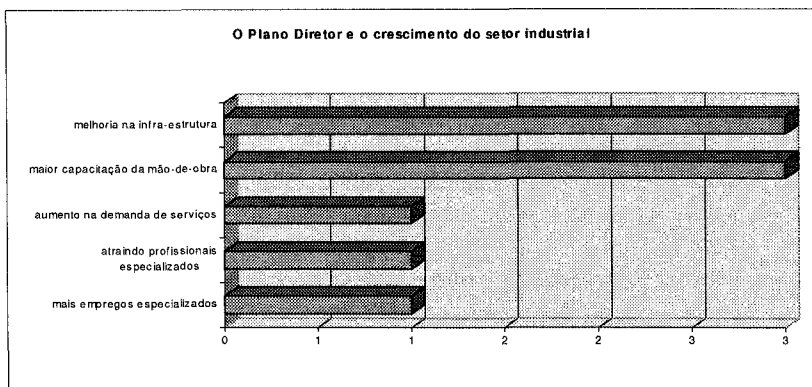
5.6. O PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO E O CRESCIMENTO DO SETOR INDUSTRIAL

Apenas 23,5% foram de opinião de que não haveria nenhum impacto, a partir do Plano Diretor do Município, no direcionamento do crescimento do setor industrial ao qual a empresa do respondente encontra-se inserida. Outros 17,6% não responderam à questão, sendo que igual percentual afirmou desconhecer o conteúdo do Plano Diretor de seu Município. Dos 41,2% que concordaram haver uma relação entre o Plano Diretor e o direcionamento do crescimento da empresa, obteve-se os seguintes posicionamentos:

- geração de mais empregos especializados;
- elevação do nível de empregos, em virtude de atrair profissionais especializados;
- aumento na demanda de serviços;

Cenários de Futuro para a FACECA

- maior capacitação da mão-de-obra local;
- melhoria na infra-estrutura industrial.



5.7. A PESQUISA UNIVERSITÁRIA E SUA UTILIZAÇÃO PELAS ORGANIZAÇÕES INDUSTRIAIS

Um único respondente afirmou utilizar os resultados de pesquisas desenvolvidas no interior de uma Universidade em seu dia-a-dia, como resultado de seu relacionamento com as universidades, um outro não respondeu a essa questão, enquanto os outros declararam não fazer uso de pesquisas universitárias, apontando desde motivos já de conhecimento de quem trabalha nos Institutos de Pesquisas mantidos por universidades, como o já celebre: “- o mundo acadêmico está distante da realidade do mundo empresarial”, até o da falta de divulgação ou mesmo de entrosamento entre esses Institutos e as empresas industriais, apontado pela maioria dos respondentes dessa questão (73,3%).

5.8. PERFIL DE COMPORTAMENTO DA FACECA PARA ATENDER ÀS DEMANDAS FUTURAS DO MERCADO DE TRABALHO

A cobrança de um posicionamento no ensino mais orientado para o dia-a-dia das empresas foi a tônica dos posicionamentos feitos,

através de colocações tais como “dar condições para que o aluno tenha uma formação com visão generalista e desenvolver sua capacidade crítica-analítica, através do incentivo à participação em projetos de pesquisas junto às empresas e nas atividades realizadas pelas empresas juniores”.

Essa cobrança parte do princípio que a Universidade deveria ministrar não apenas aulas teóricas, mas também de cunho prático, o que poderia ser uma posição ideal, mas ainda distante da realidade, mesmo naqueles países tidos como de primeiro mundo, embora seja necessário que passemos a repensar nosso papel para melhor nos adaptarmos a essa exigência. Igualmente respostas que indicavam a necessidade de professores atuantes na iniciativa privada caminhavam nessa direção.

Entretanto, o posicionamento sugerindo um maior engajamento com a ética e a cidadania, não foram esquecidos, e nem mesmo o ensino orientado não apenas para as empresa de grande porte, mas igualmente de pequeno porte e até mesmo às micros empresas, como demonstram algumas das colocações feitas por diversos dos empresários que responderam aos questionários:

“I) Atuar na capacitação técnica dos formandos, dentro de uma visão ética e de cidadania, buscando atender as necessidades centrais das empresas, que são: a. planejamento e tomada de decisão; b. qualificação técnica para operacionalização das atividades empresariais; c. conhecimento profundo da realidade conjuntural e suas mutações; d. integração regional e aspectos da internacionalização da economia.

II) Promover a pesquisa.

III) Formatar os cursos para as necessidades de empresas de qualquer porte”.

“Dar condições para que o aluno tenha uma formação com visão generalista e desenvolver sua capacidade crítico-analítica, através do incentivo à participação em pro-

jetos de pesquisas junto às empresas e nas atividades realizadas pelas empresas juniores. Preparar, orientar e facilitar o acesso dos alunos a programas de estágio supervisionado em grandes empresas”.

“Total sintonia com as necessidades do setor privado para que se possa medir continuamente o que precisam as empresas da região, em termos de profissionais dessas áreas. A faculdade deve ir às empresas e com certa freqüência medir o pulso das necessidades dos profissionais que ela prepara”.

“As universidades devem aprimorar e aperfeiçoar os profissionais, de forma que possam assumir com auto-confiança as tarefas que lhes foram atribuídas nas empresas”.

5.9. HABILIDADES TÉCNICAS NECESSÁRIAS AO PROFISSIONAL QUE EXERCERÁ CARGO DE COMANDO

A maioria dos respondentes destacou que um profissional deveria possuir, a partir do momento em que venha a ocupar cargo de comando, desde uma formação generalista, até na necessidade da gestão ser centrada nos processos e não apenas das funções técnicas. Uma opinião quase que comum foi a da necessidade do desenvolvimento de habilidade no trato com as pessoas e na comunicação, além de conhecimentos tanto de informática como de sua área de atuação na organização.

A esse respeito, citaremos a seguir algumas das opiniões emitidas, mantendo-se o sigilo quanto aos respondentes:

“A possibilidade de ocupação de cargos de Gerência não depende exclusivamente da solidez de formação acadêmica. Cada vez mais a experiência no trato dos negócios da Companhia somados ao perfil exigido para dirigir pessoas tem se tornado atributos indispensáveis”.

“Conhecimentos do mercado/economias mundiais; ser usuário ativo de microinformática; ter habilidades técnicas específica, mas conhecer ou ter noções de outras áreas de uma empresa para poder avaliar e diminuir conflitos; ter compromisso com a comunidade sob os aspectos sociais e ambientais”.

“a. profundo conhecimento técnico específico; b. forte conhecimento das principais atividades da empresa e dos processos internos (produção, compras, recursos humanos, comercialização, finanças, etc.); c. habilidades numéricas; d. trabalho em equipe”.

5.10. HABILIDADES PESSOAIS, DE CUNHO GERENCIAL, NECESSÁRIAS AO PROFISSIONAL QUE EXERCERÁ CARGO DE COMANDO

Visão generalista com foco centrado no cliente e no processo decisório. Conhecimentos firmes de relações humanas e de comunicação pessoal, de informática; preocupação contínua quanto ao trabalho e qualidade do mesmo, bem como quanto à coordenação de equipes de trabalho e ter conhecimento sólido de mais de um idioma foram algumas das habilidades citadas com maior ênfase pelos respondentes. A seguir se transcreve algumas das colocações feitas:

“Visão mais externa e futura do que interna e presente dos negócios; capacidade de aglutinar pessoas e idéias; criatividade; sensibilidade para as responsabilidades sociais e ecológicas da empresa”.

“[...] constitui características significativas o reconhecimento de implementar uma administração participativa com os subordinados e aptidão para desenvolvimento de projetos com a sociedade regional (Universidades, Órgãos do Governo, etc.)”.

“Empreendedor com inovação e aceitando riscos; visão estratégica dos negócios mundiais; competitivo e

combativo; trabalhar em equipe, energizando-a; bom ouvinte e simplificador; agente de mudanças; conhecer, falar e escrever mais duas línguas internacionais, além da língua portuguesa”.

5.11. INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS E TÉCNICAS ESSENCIAIS NA FORMAÇÃO DO FUTURO PROFISSIONAL

A responsabilidade do professor foi um dos pontos colocado por um dos respondentes, bem como as questões relacionadas aos conhecimentos de informática e, principalmente, foi destacada a necessidade de conhecimento da realidade do mercado e do negócio da organização, que pode ser obtido através de um bom estágio supervisionado, como destacado em uma das respostas. Saliu a importância da visão de futuro que o administrador necessitará cada vez mais em seu dia-a-dia e a importância da comunicação, do administrador entender e se fazer entender, quer através da comunicação escrita, quer da comunicação oral.

Mais uma vez fazendo uso das respostas dadas, se procurará dar destaque às recomendações feitas pelos dirigentes empresariais que dedicaram parte de seu tempo em busca do crescimento do segmento acadêmico:

“Desenvolvimento de pesquisas práticas e teóricas; intercâmbio com empresas e outras instituições de ensino superior; estágio supervisionado, com o acompanhamento de professores e monitores”.

“Além da formação teórica e cultural, importantes na formação do futuro administrador, é necessário dispor de ferramentas que possibilitem um conhecimento prático, mesmo que à distância, do dia-a-dia das empresas, para que ao chegar à empresa, ele consiga, em pouco tempo, desenvolver suas atividades, aplicando seus conhecimentos de forma prática, o que possibilitará um rápido desenvolvimento e conseqüente crescimento dentro de sua área”.

"a) - grade curricular flexível, de forma a acompanhar a formação das empresas e as novas necessidades gerenciais; b) - trazer para o ambiente acadêmico as preocupações e o que está se passando nas empresas, de forma a atualizar os currículos específicos; c) - conteúdos programáticos contendo as principais técnicas em uso nas empresas".

"É necessário que estes profissionais estejam sintonizados com as grandes mudanças que estão se processando a nível mundial: terceirização, visão holística, humanismo, participação, qualidade, etc. Espera-se, também, que a formação acadêmica atente para a necessidade de visão do futuro e quebra constante de paradigmas".

"O futuro profissional deverá ter a possibilidade de acompanhar de forma prática os problemas das empresas ainda na Universidade, e através de seminários de auto-avaliação e avaliação psicológica conhecer o seu efetivo potencial".

6. CONCLUSÕES

Os rumos competitivos das organizações apontam para:

- uma maior conscientização, respeito e preocupação para com os fatores ambientais;
- os produtos tenderão a possuir um ciclo de vida ainda mais curto que o atual;
- a competição se dará a nível mundial, dando ênfase aos aspectos de eficiência, tanto do produto como da organização cumprir os prazos acertados, preços praticados e de aceleração do processo de parcerias e de terceirização, aliada ainda à tendência a uma maior flexibilização governamental;

- haverá a busca por um maior envolvimento da sociedade no processo de mudança das organizações, quer através do papel desempenhado pelas empresas com os investimentos na melhoria da qualificação da mão-de-obra, quer com o próprio crescimento cultural e educacional dessa sociedade;
- o acirramento do processo competitivo interno e externo do país exigirá uma mão-de-obra melhor qualificada não apenas ao nível fabril, mas igualmente nos escritórios;
- o conhecimento dos planos de desenvolvimento dos municípios da região representa igualmente um instrumento competitivo da organização, pois lhe possibilitará maior conhecimento acerca das necessidades futuras de:
 - geração de mais empregos especializados;
 - elevação ao nível de empregos, em virtude de atrair profissionais especializados;
 - aumento na demanda de serviços;
 - maior capacitação da mão-de-obra local;
 - melhoria na infra-estrutura industrial.
- o conhecimento de pesquisas universitárias, aliado a um maior relacionamento com institutos de pesquisas e a laboratórios universitários, poderá proporcionar benefícios para os dois lados:
 - uma maior vantagem competitiva à organização;
 - maiores recursos para as instituições de pesquisas.

Ao administrador dos próximos anos será exigido:

- criatividade e capacidade de planejar;
- conhecimento de línguas;
- habilidades numéricas;
- consciência ecológica, isto é, da interrelação da organização com seu ambiente, como proceder frente à comunidade em assuntos relacionados à ecologia e, como a empresa pode obter vantagens competitivas sendo ecologicamente correta;

- visão macro da interação da organização no sistema político/econômico, tanto em relação aos impactos diretos na empresa, quanto aos indiretos, exercidos por terceiros;
- capacidade de liderança, trabalho em equipe e de dirigir pessoas e administrar conflitos, sendo ainda um verdadeiro agente de mudanças na organização.

Em vista dessas colocações é de se esperar como futuro para as disciplinas ministradas nos três diferentes cursos de graduação da FACECA os seguintes posicionamentos:

- formação de profissionais com maior visão crítica e analítica;
- que esses profissionais possuam uma visão igualmente orientada para a prática, envolvendo os discentes com as empresas juniores, bem como com os projetos de pesquisas que envolvam a própria Unidade e organizações empresariais da região;
- que as disciplinas que discutam aspectos étnicos e de cidadania sejam fortalecidas;
- desenvolvimento de profissionais com sensibilidade para as responsabilidades sociais e ecológicas da organização;
- enriquecer aquelas disciplinas que discutem o dia-a-dia e as direções de crescimento das organizações;
- enriquecer o currículo dando ênfase à administração de micros, pequenas e médias organizações empresariais;
- desenvolver a criatividade de seus alunos;
- desenvolvimento de visão estratégica dos negócios mundiais;
- maior ênfase em disciplinas que discutam, em profundidade, o ambiente sócio-econômico das regiões nas quais a organização esta a disputar posições competitivas de mercado;
- enfoque em disciplinas que discutam aspectos econômicos e de comércio internacional;
- enfatizar estágios supervisionados nos quais o estagiário possa efetivamente envolver-se com o dia-a-dia do que irá enfrentar, aprendendo não apenas o como fazer, mas também a tomar decisões;

- desenvolver, no futuro profissional, habilidades de análise ambiental para que esse possa, no desempenho de suas atividades profissionais, vislumbrar oportunidades para a manutenção e/ou crescimento dos negócios da organização;
- ajudar ao discente a desenvolver suas aptidões para trabalhar projetos junto aos órgãos que compõem a sociedade na qual a organização se encontra inserida;
- desenvolver habilidades de empreendedor, com visão inovadora e capacidade de analisar e aceitar enfrentar riscos;
- possibilitar meios que permita ao formando saber se comunicar, trabalhar em equipe aglutinando pessoas e idéias, administrando conflitos, constituindo-se num verdadeiro agente de mudanças;
- desenvolver a habilidade numérica do futuro profissional;
- enfatizar disciplinas que proporcione ao futuro profissional uma clara visão das atividades empresariais e dos processos internos de diferentes tipos de organização empresarial;
- enfatizar disciplinas que envolvam o enriquecimento e habilidade com o mundo da informática.

Por fim esperamos, através deste trabalho, estar contribuindo para a elaboração do planejamento de longo prazo da FACECA, e para o progresso mais amadurecido e integrado da Região de Campinas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ciência e tecnologia no futuro do Brasil (versão preliminar). Brasília: CNPq, 1990. 327 p.
- BUARQUE, Cristovam. A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 186 p.
- CPFL. Cenários sócio-econômicos e energéticos - 1992/2015. Campinas: CPFL - Companhia Paulista de Força e Luz, 1992.

- DALLARI, Dalmo de Abreu. O futuro do Estado. São Paulo: Moderna, 1980.
- DAVIS, Stanley M. O futuro perfeito. São Paulo: Nobel, 1990. 232 p.
- ELETOBRAS. Cenários sócio econômicos e energéticos - 1994 - 2015. Rio de Janeiro: Eletrobras, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. Técnicas de pesquisa em economia. São Paulo: Atlas, 1991. 195p.
- HEGENBERG, Leônidas. Etapas da investigação científica (leis, teorias, método). São Paulo: EPU - Ed. da USP, 1976. v 2 254 p.
- _____. Explicações científicas : introdução a filosofia da ciência. 2 ed. São Paulo: EPU - Ed. da USP, 1973. 310 p.
- HUME, D. Investigação sobre o entendimento humano. São Paulo: Abril, 1978.
- HUSS, William R., HONTON, E. J. Technological forecasting and social change. New York: Elsevier Science Publishing, n. 31, p. 219 - 238, 1987.
- JOHNSON, Bruce B.- Cenários prospectivos para o planejamento estratégico. In: SPE. Sociedade de Planejamento Empresarial. III Encontro Brasileiro de Planejamento Empresarial. São Paulo: SPE, 1989.
- KAHN, Herman, WIENER, A. J. O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos 33 anos. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 508 p.
- KALECKI, Michal. Teoria da dinâmica econômica. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção os Pensadores
- KAPLAN, Abraham. A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: EPU . Ed. da USP. 1975.
- KERLINGER, Fred N. Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual. Trad. de Helena Mendes Botundo. São Paulo: Pedagógica e Universitária. 1980.

- LEAKEY, Richard E. A evolução da humanidade. Brasília: Universidade de Brasília: Circulo do Livro, 1981. 247p.
- NAISBITT, John. Megatrends: as dez grandes transformações ocorrendo na sociedade moderna. São Paulo: Abril Cultural. 1982. 151 p.
- NETTO, Delfim. Comentaristas e Economistas. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 28 agos. 1991. p. 2.
- OCANA, Luiz Morell. Estructuras locales y ordenacion del espacio. Madri: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1972.
- OTERO, A. Mário. Exame filosófico do vocabulário sociológico. Trad. de Cláudio Navarra. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.
- PEREIRA, H. Caeiro. A ordem Social do futuro. 1. ed. Lisboa: Sá da Costa. 1978.
- PEREIRA, Wlademir. Demografia do subdesenvolvimento - formação em recursos humanos em países subdesenvolvidos. São Paulo: Saraiva, 1978.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Plano diretor do município de Campinas. Campido Pós Guerra. Campinas: Secretaria Municipal de Planejamento. 1990.
- POPPER, Karl R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1974.
- RATTNER, Henrique. Estudos do futuro: introdução a antecipação tecnológica e social. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979. 206 p.
- _____. Planejamento urbano e regional. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1978. 161 p.
- SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 329 p.

TAVARES, M. Conceição. Tendências de globalização, crise do Estado Nacional e seus impactos sobre o Brasil. Cadernos da ANGE, n. 3, 1993.

_____. Ajuste e reestruturação nos países centrais: a modernização conservadora. Campinas: Economia e Sociedade. Campinas: UNICAMP- IE, n. 1, p. 21 - 57, agosto, 1992.

_____. A desordem mundial e a situação do Brasil. Jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 22 mai. 1994. p. 2 e 7.

_____. A política econômica no limiar da hiperinflação. A política econômica da recessão. Campinas: HUCITEC/FECAMP, 1990 p. 213 - 226.

TSUJI, Tetsuo. Cenários do Maranhão para o ano 2007. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1992, Tese de Doutorado.